

Johann Wolfgang Goethe

Os sofrimentos do jovem

WERTHER

Tradução: Erlon José Paschoal

Texto integral

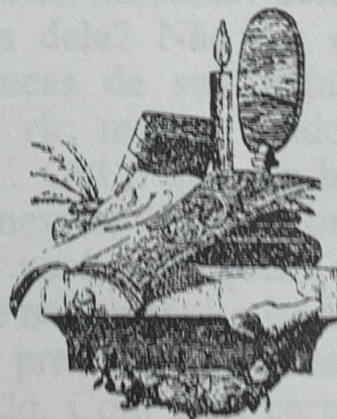
EDITORA CLUBE DO LIVRO

São Paulo

1988

Die Leiden
des
jungen Werthers.

Erster Theil.



Leipzig,
in der Weygandschen Buchhandlung.
1774.

(Frontispício da 1.^a Edição de
Os Sofrimentos do jovem Werther — Primeira Parte
publicada em 1774)

Primeira Parte

4 de maio de 1771.

Como estou feliz por ter partido! Meu bom amigo, o que é o coração do homem! Deixá-lo, a quem tanto estimo e de quem era inseparável, e ainda assim estar feliz! Sei que me perdoa. Mas outros relacionamentos que tive, não foram acaso criados pelo destino para atormentar um coração como o meu? Pobre Leonore! E, contudo, eu estava inocente. Que culpa tive se, enquanto me entretinha com os encantos sedutores de sua irmã, uma paixão crescia em seu pobre peito? Mas... sou realmente inocente? Será que não alimentei os sentimentos dela? Não me deleitava com as manifestações francas de sua natureza, que tantas vezes nos fizeram rir, mesmo sendo um pouco ridículas? Será que... Oh! o que é o homem, sempre se queixando de si mesmo! Hei de corrigir-me, querido amigo, prometo a você, não quero mais ficar degustando os males que nos reserva o destino, como sempre fiz; quero gozar o presente, e o passado permanecerá para mim o passado. Com toda certeza, querido amigo, você tem razão, haveria menos sofrimento entre os homens, se eles — só Deus sabe por que eles são assim! — não concentrassem toda a força de sua imaginação na lembrança dos males passados, e sim em tornar o presente mais suportável.

Diga a minha mãe, por gentileza, que cuido o melhor possível de seus negócios e que, o quanto antes, lhe darei notícia a respeito. Falei com a minha tia, e ela não me pareceu tão má como disseram lá em casa. É uma mulher viva, impetuosa e de excelente coração. Expus-lhe as queixas de minha mãe a respeito da parte restante da herança; ela apresentou as suas razões, causas e condições, nas quais estaria disposta a restituir tudo, mais até do que exigimos. Resumindo: agora não posso escrever nada mais sobre

isso e diga a minha mãe que tudo sairá bem. E percebi outra vez, meu caro, neste pequeno negócio, que os mal-entendidos e a indolência provocam mais erros neste mundo do que a astúcia e a maldade. Pelo menos, estas últimas são certamente mais raras.

Aliás, estou me sentindo muito bem aqui. Nestas terras paradisíacas, a solidão é um bálsamo valioso para o meu coração, tão fortemente aquecido pelo fervor juvenil. Cada árvore, cada arbusto é um ramalhete de flores, e dá vontade de virar borboleta para poder flutuar neste mar de fragrâncias e retirar dele todo o sustento.

A cidade em si não é agradável nos arredores, porém ressalte-se a inefável beleza da natureza. Foi o que levou o falecido Conde de M. . . a construir um jardim numa daquelas colinas que se entrecruzam majestosamente formando belíssimos vales. O jardim é simples e logo na entrada percebe-se que aquilo não foi obra de um jardineiro especializado, mas sim de um coração sensível que queria gozar o prazer de estar consigo mesmo. Já derramei muitas lágrimas em memória do falecido, no pequeno pavilhão em ruínas, outrora o seu lugar favorito e que agora é o meu também. Logo serei o senhor do jardim; o jardineiro já simpatizou comigo nesses poucos dias e não se arrepende por isso.

10 de maio.

Uma alegria contagiante apoderou-se de minha alma, semelhante às doces manhãs de primavera que desfruto com todo o coração. Estou sozinho e contente, por poder viver numa região criada para almas como a minha. Estou tão feliz, meu amigo, tão absor-

vido pela sensação de uma existência tranqüila, que o meu talento sofre com isso. Não seria capaz de desenhar nada, nem um traço, e nunca fui tão bom pintor como agora. Quando este vale encantador exala em torno de mim todos os seus aromas e o sol alto descansa na superfície da escuridão impenetrável de minha floresta e somente alguns raios penetram no interior do santuário, eu então, deitado na relva ao pé do riacho, bem próximo à terra, descubro maravilhado milhares de plantinhas diferentes; quando sinto bem próximo de meu coração o formigar desse pequeno mundo entre as ervas, essa multidão incontável de minúsculos vermes e insetos e sinto a presença do Todo-Poderoso que nos criou à sua imagem e semelhança, e o sopro de Seu infinito amor que nos eleva e nos mantém flutuando na glória eterna; meu amigo! Quando tudo começa a escurecer diante de meus olhos e o mundo a minha volta e o céu repousam em minha alma como a imagem de uma mulher amada . . . então, freqüentemente suspiro e penso: Ah! Se você pudesse exprimir tudo isso, se você pudesse passar para o papel o sopro de tudo o que vive em você com tanto calor e com tanta plenitude, fazendo dele o espelho de sua alma, tal como a sua alma é o espelho de Deus infinito! — Meu amigo . . . Mas desfaleço e sucumbo ante o poder da magnitude destas imagens.

12 de maio.

Não sei se espíritos mágicos vagueiam por esta região, ou se esta ardente fantasia divina se apodera de meu coração, fazendo um paraíso de tudo o que me rodeia. Bem à frente do vilarejo há uma fonte, uma fonte que me fascina e encanta, como a Melusine e a suas irmãs. — Descendo uma pequena colina,

encontra-se uma gruta, cerca de vinte degraus abaixo, vê-se uma água pura e límpida, filtrada pelo mármore. O pequeno muro formando a cerca logo acima, as grandes árvores cobrindo todo o lugar, o frescor do local: tudo isso tem algo de revelador e de assustador. Não há dia que eu não passe pelo menos uma hora sentado ali. As moças da cidade vão lá para buscar água, a tarefa mais inocente e a mais necessária, outrora desempenhada até pelas filhas dos reis. Quando me sento ali, revivem intensamente em mim os hábitos patriarcais: os senhores se conhecendo e combinando os casamentos à beira da fonte e, em volta dela e dos poços, espíritos benfazejos flutuando. Oh! Só é insensível a estas impressões quem nunca se deleitou com o frescor de uma fonte, depois de uma árdua caminhada sob um sol de verão.

13 de maio.

Você está perguntando se é para me enviar os meus livros? Meu caro, pelo amor de Deus, mantenha-os longe da minha vista! Não quero mais que o meu coração seja guiado, encorajado ou estimulado por eles, ele sozinho já se inflama o bastante. Precisava de um canto que me embalasse e encontrei-o em toda a sua plenitude no meu Homero. Quantas vezes consigo a tranqüilidade para o meu sangue excitado, pois não há nada mais volúvel e inconstante do que o meu coração! Meu caro, preciso dizer isso a você, que tantas vezes sofreu, vendo-me passar da aflição ao desvario, da doce melancolia à paixão desenfreada? Também, trato o meu coraçãozinho como uma criança doente, permitindo-lhe todas as vontades. Não diga isso a ninguém; muitas pessoas poderiam me levar a mal.

15 de maio.

As pessoas simples do lugar já me conhecem e gostam de mim, especialmente as crianças. Mas acabei de fazer uma triste observação. A princípio, quando me juntava a elas e amigavelmente lhes fazia alguma pergunta sobre isso ou aquilo, algumas, achando que eu queria escarnecer delas, despachavam-me grosseiramente. Não me aborreci com isso, mas senti com mais vivacidade o que já havia notado várias vezes: as pessoas de certa posição conservam-se sempre a uma rígida distância das pessoas comuns, como se receassem estar perdendo com a aproximação; há também os levianos e os zombadores maldosos que aparentam descer até o pobre povo, para melhor mostrar a sua arrogância.

Bem sei que não somos, nem poderíamos ser iguais. Mas considero aquele que vê como necessário afastar-se do que se chama povo para fazer-se respeitar, tão censurável quanto o covarde que se esconde do inimigo com receio de ser vencido.

Dias atrás, fui à fonte e encontrei uma criada que, depois de pôr a bilha sobre o primeiro degrau, olhou à sua volta procurando alguma companheira que a ajudasse a colocá-la na cabeça. Desci e olhei para ela. "Quer que a ajude, menina?", disse-lhe. Ficou completamente vermelha. "Oh! Não, meu senhor!", disse ela. "Não se acanhe." Ela ajeitou a rodilha na cabeça e eu a ajudei. Ela agradeceu e subiu.

17 de maio.

Conheci muitas pessoas, mas ainda não encontrei companhia. Não sei o que vêm de atraente em mim; muitas delas simpatizam comigo e se afeiçoam, e sinto

pena quando tenho de deixá-las. Se você perguntar como são as pessoas daqui, eu responderei: como em todo lugar! A espécie humana é absolutamente uniforme. A maior parte trabalha quase todo o tempo para viver, e o pouco que lhes resta de liberdade amedronta-os de tal modo que procuram todos os meios para se livrarem dela. Ó, destino do homem!

Mas são pessoas muito boas! Quando, às vezes, esqueço-me de mim, compartilhando com eles as alegrias ainda concedidas aos homens, à volta de uma mesa bem servida, brincando aberta e livremente, num passeio, fazendo um baile de última hora, e coisas semelhantes, isso tudo provoca em mim um efeito muito bom; mas evito lembrar que ainda existem outras faculdades em mim que vão enfraquecer por falta de uso e que tenho de esconder cuidadosamente. Ah! Isso oprime tanto o meu coração. — É mesmo! Ser incompreendido é o destino de muitos de nós.

Ah! Por que a minha amiga de infância se foi? Ah! Por que fui conhecê-la? — Eu deveria dizer: você é um tolo! Procura neste mundo o que não se acha aqui! Mas eu a tive, senti o coração, a alma sublime, cuja presença me fazia parecer mais do que realmente era, porque eu era tudo o que podia ser. Meu bom Deus! Uma única faculdade de minha alma manteve-se inerte? Não vivenciei com ela todo esse maravilhoso sentimento com o qual meu coração abraça a natureza? Não era o nosso relacionamento um eterno tecer da mais refinada sensibilidade, da graça mais sutil, cujas oscilações, mesmo quando atingiam a descortesia, estavam marcadas com o carinho de gênio? E agora? — Ah! Os anos que tinha de vantagem levaram-na ao túmulo antes de mim. Jamais me esquecerei dela, nem de seu espírito firme e de sua indulgência divina.

Encontrei há alguns dias atrás o jovem V..., um rapaz franco, com uma fisionomia alegre. Acaba de sair da academia, não se julga um sábio, mas acredita saber bem mais do que os outros. Pelo que pude perceber, é uma pessoa diligente; em resumo, possui bastante conhecimento. Quando soube que eu, além de desenhar, sabia grego (duas coisas fenomenais nesta terra), procurou-me e mostrou toda sua erudição, de Batteux a Wood, de Piles a Winckelmann, assegurando-me que tinha lido toda a primeira parte da teoria de Sulzer e que possuía um manuscrito de Heine sobre o estudo da Antiguidade. Deixei por isso mesmo.

Conheci também o bailio do príncipe, um homem excelente, franco e leal. Dizem que é um grande prazer vê-lo no meio de seus nove filhos; falam com mais entusiasmo de sua filha mais velha. Convidou-me para ir visitá-lo, o que farei o quanto antes. Ele mora num pavilhão de caça do príncipe, a uma légua e meia daqui, para onde foi autorizado a mudar depois da morte de sua mulher, por lhe ser muito doloroso continuar aqui na cidade e na repartição.

Além disso, tenho encontrado por aqui alguns tipos esquisitos que acho insuportáveis, e mais insuportáveis ainda as suas demonstrações de amizade.

Adeus! Esta carta deve agradar você, pois é bem histórica.

22 de maio.

Que a vida humana é apenas um sonho, já ocorreu a muita gente, e esta idéia também me persegue por toda parte. Quando vejo os limites que aprisionam a capacidade humana de ação e pesquisa; quando vejo que toda a atividade se esgota na satisfação de necessi-

dades, cujo único propósito é prolongar a nossa pobre existência e, ainda, que toda a tranqüilidade em relação a certas questões não passa de uma resignação sonhadora, pois as paredes que nos aprisionam estão cobertas de formas coloridas e perspectivas luminosas... isso tudo, Wilhelm, me deixa mudo. Volto-me para dentro de mim mesmo e encontro um mundo! Mais de pressentimentos e desejos do que de raciocínios e forças vitais. E, então, tudo flutua ante meus olhos, sorrio e, sonhando, penetro ainda mais neste mundo.

As crianças querem as coisas, sem saber por que as querem, nisso todos os mestres-escolas e preceptores estão de acordo; mas adultos também cambaleiam por este mundo feito crianças, sem saber de onde vêm, nem para onde vão, agindo sem objetivos determinados e deixando-se governar igualmente com biscoitos, bolos e vara de marmelo: ninguém acredita, mas me parece que não há verdade mais palpável.

Confesso a você, pois sei o que vai me dizer a respeito, que os mais felizes são aqueles que, como as crianças, vivem para o presente, vestindo, despindo e levando as suas bonecas para passear, espreitando com grande respeito a gaveta onde a mamãe guarda o pão doce, e quando finalmente conseguem apanhar o que querem, devoram tudo com avidez e gritam: "Mais!"... Sim, são essas as criaturas felizes. Felizes também aqueles que dão às suas ocupações fúteis, ou mesmo às suas obsessões, títulos pomposos, fazendo-as passar como proezas de gigante, realizadas para a salvação e o bem estar da humanidade. — Ditosos sejam aqueles que podem ser assim. Mas quem reconhece humildemente aonde vai dar tudo isso, quem então vê com que delicadeza o ditoso burguês sabe cuidar de seu jardim, fazendo dele um paraíso, e com

que perseverança o infeliz também carrega ofegante o seu fardo, todos igualmente interessados em ver um minuto a mais a luz do Sol... sim, esse é tranqüilo e forma o seu mundo a partir de si mesmo e também é feliz por ser um homem. E depois, por mais limitado que seja, mantém sempre viva no coração a doce sensação de liberdade, sabendo que pode sair deste cárcere quando quiser.

26 de maio.

Você já conhece há muito minha maneira de me alojar num lugar, montar uma moradia modesta e me hospedar nela sem nenhuma regalia. Aqui também encontrei um lugarzinho que me atraiu.

A cerca de uma légua da cidade há um lugarejo chamado Wahlheim (que o leitor se poupe ao trabalho de procurar os lugares aqui citados; foi necessário trocar os nomes constantes do original). Sua localização, ao pé de uma colina, torna-o muito interessante, pois, quando se desce o atalho que leva ao vilarejo, abrange-se com um só olhar todo o vale. Uma boa taberna, ainda muito solícita e ágil apesar da idade, serve-nos vinho, cerveja e café; mas o melhor de tudo são as duas tílias, cuja extensão dos ramos cobre a pequena praça à frente da igreja, rodeada de moradias rurais, celeiros e granjas. Um lugar tão afetuoso, tão íntimo não foi fácil encontrar, e é para lá que mandei levar uma mesinha da taberna, onde me sento, bebo meu café e leio o meu Homero. A primeira vez, numa linda tarde, quando o acaso me levou para debaixo daquelas tílias, achei o lugar bem solitário. Estavam todos no campo; apenas um menino de uns quatro anos estava sentado no chão, abraçando uma outra criança de uns seis meses, sentada entre suas pernas

como se estivesse numa poltrona, bastante tranqüilo, apesar da vivacidade e rapidez de seus olhos negros. Deu-me prazer vê-los ali; sentei-me num arado defronte e avidamente comecei a desenhar essa postura fraternal. Acrescentei a cerca mais próxima, a porta do celeiro e algumas rodas quebradas, tudo tal como se sobrepujam, e percebi depois de uma hora que tinha feito um desenho bem composto e muito interessante, sem colocar nada de meu. Isso fortaleceu o meu propósito de manter-me doravante unicamente ligado à natureza. Só ela é de uma riqueza infinita e só ela forma o grande artista. Muito se pode dizer em proveito das regras, como também em louvor da sociedade burguesa. Um homem que se conduz segundo essas regras nunca produzirá nada de mau gosto ou de ruim, assim como aquele que se deixa moldar pelas leis e pelas convenções sociais nunca será um vizinho insuportável nem um malfeitor notável; mas, em compensação, diga-se o que se disser, toda regra aniquila o verdadeiro sentimento e a verdadeira expressão da natureza! Você dirá: "Isso é demais! Ela somente delimita, apara os galhos mais salientes" etc. . . . Meu bom amigo, quer uma comparação? Acontece o mesmo com o amor. Um jovem se apaixona por uma moça, passa o dia inteiro com ela e consome todas as suas forças, todo o seu vigor em mostrar a ela, a todo momento, o quanto está se entregando. E aí aparece um filisteu, um homem com um bom cargo público e diz-lhe: "Meu distinto jovem! Amar é humano, mas é preciso amar como um homem! Dividai o vosso tempo; uma parte para o trabalho, e as horas de descanso dedicai a vossa namorada. Calculai as vossas posses, e não vos censuro se comprardes, com o que sobrar, depois de vossas despesas básicas, um presente para ela, não com muita frequência, assim . . . no aniversário, no dia do nome dela", etc. . . . Se o rapaz

obedecer, virá a ser um jovem muito útil, e eu mesmo aconselharia qualquer príncipe a colocá-lo numa repartição; só que assim o seu amor acaba, e, se ele for um artista, acaba também a sua arte. Ó meus amigos! Por que é tão raro o despertar do gênio que irrompe numa torrente de ondas impetuosas, para comover as suas almas atônitas? — Meus caros amigos, os homens sensatos moram nas duas margens do rio, e as suas casinhas, os seus canteiros de tulipas e as suas hortas seriam arrasadas, se não soubessem se defender dos futuros perigos que os ameaçam, construindo de vez em quando diques e canais.

27 de maio.

Deixei-me levar pelo arrebatamento, pelas comparações e pelo tom declamatório e não acabei de contar o que aconteceu com as crianças. Devo ter ficado duas horas sentado no arado, absorvido por aquela imagem, o que explica minha fragmentada carta de ontem; quase ao anoitecer, uma mulher jovem trazendo um cestinho no braço encaminhou-se para as crianças, que até então não haviam se mexido, e gritou de longe: "Phillips, você é um bom menino". Cumprimentou-me, agradeceu-me, levantei, aproximei-me e perguntei se ela era a mãe das crianças. Ela confirmou e, dando ao mais velho meio pãozinho, pegou o mais jovem e beijou-o com todo amor materno. "Deixe", disse ela, "este menino entregue aos cuidados de Phillips e fui à cidade com o meu mais velho para buscar pão branco, açúcar e uma panela de barro para angu!" Vi isso tudo no cesto, cuja tampa tinha caído. "Vou fazer, hoje à noite, uma sopinha para o Hans (era este o nome do mais jovem); ontem, o maior, aquele levado, brigando com o Phillips para ver

quem raspava a papa, acabou quebrando a panela.” Perguntei pelo mais velho, e ela mal acabara de dizer que ele estava no campo correndo atrás de gansos, quando ele apareceu aos saltos, trazendo para o mais novo uma varinha de aveleira. Continuei a conversar com a mulher e fiquei sabendo que era filha do mestre-escola e que o marido tinha ido à Suíça, para receber a herança de um primo. “Quiseram enganá-lo”, disse ela, “não respondendo às suas cartas; de modo que ele foi lá pessoalmente. Espero que nada de mal tenha lhe acontecido, ainda não tive notícias dele.” Foi com pesar que me separei daquela mulher, dei um *kreuzer* a cada uma das crianças e outro à mãe para trazer pão branco para a sopa do mais novo, quando fosse à cidade, e assim nos despedimos.

Confesso a você, meu querido, que quando meus sentidos se agitam, nada melhor para tranqüilizá-los do que a visão de uma criatura assim, percorrendo serena e feliz o estreito círculo de sua existência, vivendo o seu dia-a-dia e vendo as folhas caírem, sem pensar noutra coisa a não ser na chegada do inverno.

Desde então, vou lá com freqüência. As crianças já estão bem familiarizadas comigo e, à noite, quando estou tomando café, dou-lhes açúcar e repartimos o pão com manteiga e a coalhada. Aos domingos, sempre recebem o seu *kreuzer* e quando não apareço ali, depois da hora da missa, a taberneira tem ordem para dar-lhes o dinheiro.

Confiam em mim e contam-me muitas coisas; e o que mais me diverte são as suas idiossincrasias e a candura dos seus ciúmes, quando outras crianças do vilarejo se juntam a nós.

Esforcei-me muito para tirar daquela mãe o receio de que estivessem incomodando o “Senhor”.